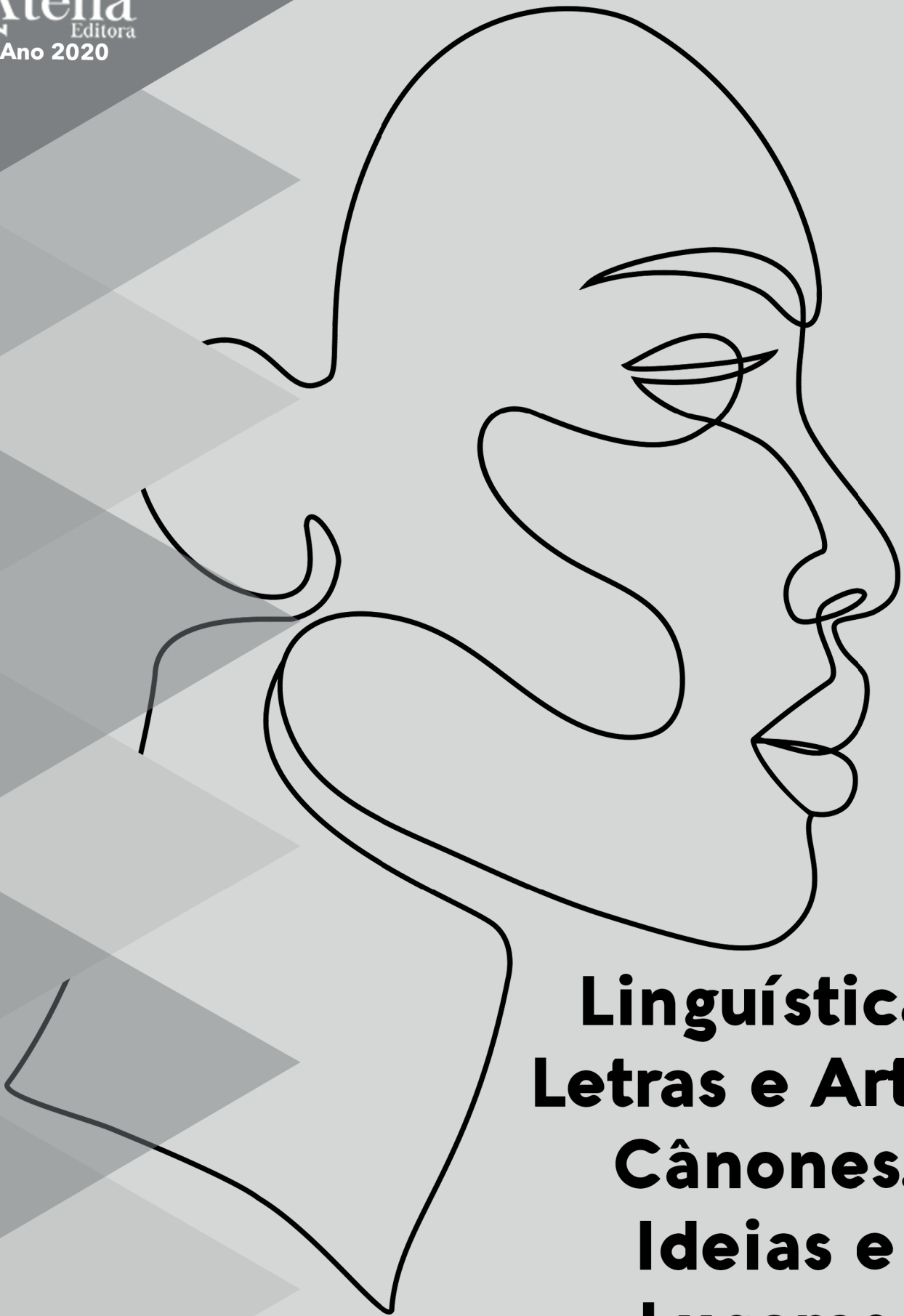




**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM *AS CANÇÕES*, DE EDUARDO COUTINHO

Data de aceite: 01/06/2020

Mírian Sousa Alves

doutora e Estudos Literários pela UFMG, mestre em Cinema e Vídeo pela York University (Toronto-CA) e professora efetiva no Departamento de Linguagem e Tecnologias do CEFET-MG. É também docente no programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING) do CEFET-MG. miriansousalves@gmail.com (CEFET-MG)

Renata de Oliveira Ramos

especialista em História da Cultura e da Arte pela UFMG e mestranda no programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING) do CEFET-MG. renataor@gmail.com (CEFET-MG)

RESUMO: Este artigo visa investigar a função exercida pelos narradores em seus exercícios de anamnese no documentário *As canções*, de Eduardo Coutinho, bem como as relações que o filme articula entre a narrativa, a memória e o exercício do poder. O objetivo é perceber de que forma o documentário *As canções*, de Eduardo Coutinho, ao evidenciar as relações que se estabelecem entre som, experiência e memória, exalta a potência da narrativa e reconfigura as relações de poder que perpassam a prática do fazer documentário.

PALAVRAS-CHAVE: cinema documentário, narrativa oral, memória, Eduardo Coutinho, comunidade dos celibatários.

ABSTRACT: This article aims to investigate the role exercised by the narrators in their anamnesis' process in the documentary "As canções", directed by brazilian filmmaker Eduardo Coutinho. This research also intends to comprehend the relations between narrative and power, articulated by the film. By highlighting the relations established between sound and memory, the documentary "As canções", by Eduardo Coutinho, exalts the force of the narrative and reconfigures the power relations that permeate the practice of documentary filmmaking.

KEYWORDS: documentary cinema, oral narrative, memory, Eduardo Coutinho, bachelor community.

INTRODUÇÃO

Estamos imersos num contexto em que a multiplicação de mídias produz um efeito de desmaterialização, tal como percebemos nas redes sociais, em discursos de ódio que se proliferam, em grande parte, devido ao relativo anonimato garantido pela rede. Discursos de

vozes (textos, imagens) sem corpo. Corpos desmaterializados, vozes que não possuem um corpo que se apresenta.

O que se destaca é o que aqui nomeamos como estética do confessional. Uma estética que vai do big-brother ao testemunho evangélico, que se vale de uma forma-relato, suposta verdade-do-indivíduo, mas que acaba por apresentar-se como poderosa mediação de narrativas prontas, que desembocam em um efeito de desmaterialização do corpo. Uma baixa-ficção que atravessa corpos, nega o artifício que faz falar, nega a presença do corpo. Como se o corpo fosse um tubo, uma passagem de ar para a narrativa pasteurizada e palatável, pronta para ser consumida. O corpo, nesse caso, substitui a imagem do eu avalista da verdade da palavra, verdade que apaga o real.

Quando, ao contrário, a tela expõe um corpo que fala, como veremos mais adiante na análise dos procedimentos de elaboração do documentário, não essa fala da estética do confessional, mas uma fala-acontecimento do corpo presente, a potência do filme “salta”, é uma pessoa ali, a fala encarnada, construída e performada no encontro com o diretor e com o equipamento cinematográfico. Ao longo desse artigo, mostraremos de que forma esse procedimento específico permite que a entrevista se torne cinema.

CONTEXTO HISTÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O documentário, no Brasil, tem ampliado seu campo de produção, consumo, divulgação, fruição e pesquisa. A partir dos anos 60, é verificável uma busca que consiste em permitir e estimular a elaboração de representações de si pelos próprios sujeitos da experiência, aqueles que, nos documentários tradicionais, eram e são os “objetos” clássicos, indivíduos, de um modo geral, apartados dos meios de produção e difusão de imagens.

Eduardo Coutinho teve um papel predominante na constituição desse cenário do documentário a partir dos anos 80, recriando essa forma calcada na conversa. Segundo Ismail Xavier, sua marca está na

afirmação de um diálogo que se põe na contracorrente da mídia, pois o cineasta busca em todos o que o tempo está a lhes sabotar: a condição de sujeito, mesmo que se saiba ser talvez impossível que esta se exerça plenamente nos termos da autoformação e do autocultivo tal como posto pela tradição humanista. (XAVIER, 2003, p. 65)

Essa forma coutiniana de fazer filmes e de se relacionar com os sujeitos, que Ismail Xavier considera contracorrente da mídia, assume um valor político de resistência principalmente pela afirmação da presença do corpo e da ênfase na relação, em detrimento da fetichização do outro e do clichê. De maneira sintética, a escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho descreve a proposta do documentário *As canções*:

As Canções passa-se num palco, um a um os *protagonistas* vêm, sentam-se, falam de uma canção, pelo meio cantam-na, com isso vem amor, dor, morte, riso. Falam e cantam para Coutinho, que não aparece para nós mas está diante deles — porque quer saber.¹

1. COELHO, Alexandra Lucas. “O resto é silêncio”.

No filme, o elemento narrativo primordial é a lembrança das personagens ou o processo de anamnese à qual essas se submetem nos diálogos travados com Coutinho ao longo do documentário. Uma das perguntas propostas por este artigo diz respeito à natureza dessas lembranças e às possíveis conexões e afecções permitidas pelos relatos e pelas canções nos sujeitos que participam do discurso fílmico.

Ao refletir sobre a arte contemporânea, Lyotard refere-se à maneira como a memória e a narrativa podem se relacionar no âmbito da prática psicanalítica. Para isso, Lyotard utiliza o conceito de anamnese, ideia que ilumina a abordagem de Coutinho no processo de permitir a fala e a narração não interrompida de seus entrevistados. Sobre a anamnese, explica Lyotard apud Fabrini:

Do mesmo modo que “o paciente tenta elaborar a sua perturbação presente, associando livremente elementos aparentemente inconsistentes com as situações passadas, o que lhe permite descobrir sentidos ocultos de sua vida e seu comportamento”, o artista atual, em face do esgotamento das vanguardas e da desorientação daí decorrente, passou (...) a elaborar em sua obra os elementos do passado artístico, remoto ou recente (...), por livre associação, em busca de saídas para a criação artística pós-vanguardista.²

O termo anamnese, fértil também como ponto de vista para pensar a produção artística contemporânea, supõe um procedimento que excita um campo aproximativo entre as inquirições da história, das artes plásticas, do audiovisual e da construção de si. Outro autor que se apropria do termo é Nicolau Sevcenko. Numa entrevista acerca do sentido da história, o autor usa o conceito de anamnese referindo-o a Nietzsche, segundo o qual não há nenhuma força mais limitadora da capacidade humana de explorar as possibilidades do fluxo da vida que o ressentimento, pois este lhe mantém presente a um evento passado, que não se supera e por isso volta-se a ele, fazendo que as possibilidades da vida definem, por se manterem em um único curso. É a anamnese que permite o tempo todo mudar de rota, caminho, compromisso. Assim, é mais importante para ele a anamnese do que a memória, pois ela liberta mais.³

A memória aparece aqui associada à naturalização do passado, num vetor que, do passado ao presente fixa identidades e representações. A anamnese, por sua vez, associa-se à possibilidade de recriação da vida a partir de fluxos contemporâneos e afirma a história como possível catalisadora de acontecimentos. Os fatos passam a ser considerados secundários em relação ao procedimento de selecioná-los e articulá-los.

Entre Lyotard e Sevcenko, o conceito adquire nuances sutilmente diferenciadas. Se para Lyotard trata-se de descobrir sentidos ocultos através de livre associação, para Sevcenko trata-se de afirmar a criação de sentidos através de um trabalho da memória. Ambos, porém, afirmam o procedimento de ver e recolher os fragmentos que, rearticulados num pretense todo, ou em um efeito de todo, pode constituir uma composição contemporânea, na apresentação, afirmados por seu caráter maquínico e

2. FABBRINI, Ricardo Nascimento. *A Arte Depois das Vanguardas*. SP: UNICAMP, 2002. p. 189.

3. Sevcenko, Nicolau. *Revista Atrator Estranho*.

não pela afirmação de alguma alucinada verdade ou essência.

O termo anamnese, afirma um campo discursivo em que se articulam efeito de sentido, criação, forma, ação do presente, exaltação do artifício, movimento que tem como eixo a flecha do presente para o passado, tal como ocorre nas narrativas dos entrevistados de Coutinho no filme “As canções”, como veremos na próxima seção deste artigo.

ANÁLISE DA PRODUÇÃO FÍLMICA

A análise do documentário *As canções* visa ampliar os estudos existentes no campo das humanidades e da construção da memória, especialmente no que diz respeito à relação que essa estabelece com a narrativa oral e com o exercício do poder. Dividida em três atos, a análise aqui proposta investiga de que forma os personagens, canções e histórias selecionados para compor o filme explicitam o exercício da anamnese e articulam a ideia do comum, tal como abordada por Peter Pál Pelbart, como veremos na conclusão deste artigo.

PRIMEIRO ATO: O CINEMA COMO LUGAR POLÍTICO E A “ILUSÃO DA NÃO-ILUSÃO”

Em “Pela continuação do mundo com o cinema”, Jean-Louis Comolli nos lembra que somos, por poucas gerações, quase contemporâneos do cinema. Assistimos seu crescimento e assimilamos sua forma de pensamento. Afirma o autor:

o devir-cinema do mundo não se fez sem nós. Isso quer dizer que o lugar do espectador [...] é um lugar estratégico, ligado às relações de força em jogo nas sociedades [...], um lugar político. [...] o espetáculo está em todos os lugares, desde as telas grandes e pequenas até as *mise-en-scènes* sociais e midiáticas. [...]Somos corpos e espíritos permanentemente mobilizados pelas imagens.

E somos, obviamente, também mobilizados pelas atuações que se desenrolam diante da câmera. Que jogos políticos são estabelecidos pela montagem do filme de Coutinho? O que suas imagens e sons fazem de nós individualmente e coletivamente?

Se no cinema ficcional há a necessidade da ilusão consentida – somos todos cúmplices da ilusão proposta pelo espetáculo e por isso pactuamos com o tempo e espaços diegéticos ao longo da exibição do filme – no cinema documentário, a relação entre autor e espectador possui seu próprio pacto ilusório. A esse respeito, expõe Comolli:

O espectador do documentário e doravante aquele da telerrealidade são tranquilizados pela “regra do jogo” (social, cultural, publicitária) segundo a qual aqueles que ali estão, ali estão mesmo, são eles próprios, e não “representados” por atores profissionais – o que significa dotá-los de uma espécie de inocência ou ingenuidade, como se fossem “virgens” de qualquer dimensão espetacular, como se, portanto, o espetáculo ainda não estivesse em toda parte, do berço ao túmulo.⁴

4. COMOLLI, 2008, p. 29.

A ficha técnica do filme “As Canções”⁵ mostra-nos que houve, por exemplo, alguém responsável pelo trabalho de preparação vocal dos entrevistados, feito por Cecília Spyer, ou pela maquiagem, feita por Rose Verçosa. Por maior que seja a sensação de espontaneidade das falas gravadas, não se trata de uma imagem supostamente natural, direta, sem mediação, como indica nossa tendência inicial de percepção da obra.

Tratando-se de um discurso, não há como negar seu posicionamento político. Sabemos que no cinema documentário, cada escolha técnica e estilísticas é um posicionamento político, com implicações diretas na construção de sentido. Ao adotar a estética participativa, Coutinho já assume seu compromisso com a verdade da imagem em oposição à crença ingênua do cinema documentário tradicional, que visava a imagem da verdade.

A explicitação do dispositivo de filmagem no início dos longas anteriores de Coutinho já oferecem pistas ao espectador coutiniano. O filme não trará uma verdade absoluta sobre determinado tema, mas reunirá como em um catálogo, histórias de vida, capazes de afetar o espectador. As narrativas do filme não têm assim qualquer compromisso com a verdade dos fatos vividos por cada um dos narradores. Trata-se, antes, da verdade do filme, que tem na fabulação sua principal técnica narrativa.

O resultado final exhibe assim os relatos decorrentes do encontro fílmico do cineasta com os narradores escolhidos. A técnica de Coutinho beira sempre o risco de não-realização da obra. Uma vez definido o dispositivo de filmagem, basta saber se a intensidade do acontecimento discursivo decorrente do processo de produção terá potência suficiente para justificar a produção do filme imaginado. Assim, em função do método de trabalho que marcou a produção dos últimos filmes da carreira de Coutinho, o cineasta colocava-se sempre na iminência da impossibilidade. Paradoxalmente, era a fragilidade do encontro quem comumente amplificava a potência das narrativas filmadas.

SEGUNDO ATO: A NOÇÃO DE DISPOSITIVO EM AS CANÇÕES

Houve também em “As canções” uma seleção prévia dos personagens, histórias e lembranças narradas para compor o documentário. A pesquisa, coordenada pela poeta e cineasta Laura Liuzzi durou dois meses, período em que foram entrevistadas 237 pessoas. Dessas, 42 foram filmadas e na versão final do filme, permaneceram apenas 17 entrevistados, de 22 a 82 anos e 19 canções.

Há canções que se repetem, uma vez que foram escolhidas por mais de um participante e há personagens que, ao longo da conversa com Coutinho, cantam mais de uma canção. A equipe de pesquisa selecionou participantes em diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro (da zona sul e da zona norte), e também buscou pessoas pela internet

5. O filme “As canções”, de Eduardo Coutinho, ganhou o prêmio de Melhor Documentário no Festival do Rio 2011 e obteve indicação como finalista em três categorias para o Grande Prêmio Brasil de Cinema 2012.

e através de anúncios de jornais.

Os pesquisadores foram para as ruas segurando um cartaz com a seguinte pergunta: “Alguma música já marcou sua vida? Cante e conte sua história”. As pessoas, a partir daí, ofereciam-se para cantar sua música predileta e contavam como essa música compunha sua história pessoal. As gravações foram feitas em vídeo. Coutinho escolheu as histórias que julgou melhores e cujas músicas realmente desempenharam um papel importante na história de vida narrada pelo entrevistado.

Na edição final, o documentarista costurou todos esses testemunhos narrados. A pesquisadora Juliana Muylaert Mager, em sua dissertação de Mestrado, concluída em 2014, retoma a reflexão feita por Paul Ricoeur a respeito da relação memória / testemunho. Para o pensador francês, o testemunho dá forma à memória, fazendo com que as recordações tornem-se linguagem, o que confere ao cinema documentário e aos testemunhos uma postura ativa diante do “real” e do passado. Nas entrevistas de história oral, o que está em jogo é:

[...] o trabalho de transformar lembranças, episódios, períodos da vida (infância, adolescência, etc.), experiências, enfim, em linguagem. Em situações desse tipo (como em inúmeras outras) a linguagem não “traduz” conhecimentos e ideias preexistentes. Ao contrário: conhecimentos e ideias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa.⁶

No caso de Coutinho é importante salientar que a etapa da pré-produção difere-se um pouco da pré-produção usual de um filme documentário. O processo inclui a definição do dispositivo fílmico e o trabalho realizado pela equipe de pesquisa, que não conta com a participação do cineasta.

Coutinho faz questão de não se encontrar com os entrevistados nesta etapa do trabalho para evitar a perda de naturalidade do ato de narrar, que poderia ocorrer no momento das gravações, caso as histórias estivessem sendo contadas pela segunda vez para o mesmo ouvinte. Assim, a história é contada a Coutinho pela primeira vez durante a realização das filmagens.

Nessa etapa, Coutinho junta-se à equipe técnica, conversa com os personagens e dá orientações gerais aos diretores de fotografia e à equipe de filmagem. Diversos críticos apontaram “As canções” como um filme que participaria de uma trilogia, junto com “Jogo de cena” e “Moscou”, formando um conjunto de filmes onde o diretor teceria uma reflexão sobre a relação de seu documentário com o teatro e a ficção. Como afirma Mager, tratam-se de filmes que “discutem a memória em suas relações afetivas com as canções, os sonhos, as lembranças e que fazem as histórias ecoar no espaço passando ou não de corpo em corpo”.⁷

Apesar da tentativa de distanciamento da forma tradicional do documentário jornalístico (Globo repórter) e, posteriormente do documentário cinematográfico,

6. ALBERTI apud MAGER, 2014, p. 99 (Dissertação de Mestrado)

7. MAGER, 2014.

Coutinho ainda se viu, em alguns momentos, sob o risco do clichê. Mesmo criando novos dispositivos de filmagem, há sempre o risco do relato clichê, observou diversas vezes o documentarista. Sobre o filme “Jogo de cena”, afirmou Coutinho ao jornalista Felipe Bragança, durante uma entrevista:

o melodrama é um troço que está mais vivo do que nunca e que aqui no Brasil tomou outro tamanho, virou algo espantoso. Não é mais um gênero clássico. E não é só na novela. Eu digo o seguinte: como as pessoas eram alimentadas pelo melodrama em 30 anos de novela e, como é o mesmo tema, ao falarem sobre a vida delas, cotidiana, íntima, elas acabam realimentando futuros melodramas. Essa coisa de *feedback* é extraordinária, vai para a novela, vai para a TV. É absolutamente espantoso. Agora, aí é que está o problema que eu acho. As pessoas vivem esse melodrama: o melodrama é vivido [...] A presença dessa cultura ali, na fala delas, isso é impressionante.⁸

Uma reflexão semelhante fez o diretor após a produção de *Edifício Máster*: “houve momentos nos quais foi preciso defender o entrevistado dele mesmo, em que a lógica do pior – central nos programas sensacionalistas e populares – se impôs, e o que se ouviu foi a pior história, a maior desgraça, a grande humilhação”.

TERCEIRO ATO: SOBRE LÍNGUAS, CANÇÕES E COMUNIDADES

Na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou. Se as “línguas são os arquivos da história”, como Ralph Waldo Emerson escreveu, elas carecem de livros de registro e catálogos. (HELLER-ROAZEN, *Ecolalias*, 2010, p. 67).

O filme documentário *As canções* soa como a possibilidade deste catálogo produzido por Coutinho. De um relato a outro, algo permanece, para além dos próprios indivíduos que ali narram suas histórias. A reflexão feita por Pelbart a respeito da noção de comunidade parece iluminar a compreensão do documentário. Assim explica o autor, ao citar Giorgio Agamben, em “A comunidade que vem”:

O comum era o logos. A expropriação do comum numa sociedade do espetáculo é a expropriação da linguagem. Quando toda a linguagem é sequestrada por um regime democrático-espetacular, e a linguagem se autonomiza numa esfera separada, de modo tal que ela já não revela nada e ninguém se enraíza nela, quando a comunicatividade, aquilo que garantia o comum, fica exposto ao máximo e entrava a própria comunicação, atingimos um ponto extremo do niilismo. Como desligar-se dessa comunicatividade totalitária e vacuizada? É aí que Agamben evoca uma resistência vinda de uma “singularidade qualquer” ou “do qualquer um”.⁹

Em “As canções”, Coutinho parece responder bem a essa questão. Diante do esgotamento das formas encontradas pelo cinema documentário (inclusive pelo cinema participativo-reflexivo, que foi a saída encontrada pelo esgotamento da linguagem do cinema clássico), uma nova possibilidade se apresenta.

8. MAGER, 2014, p. 134.

9. AGAMBEN apud PELBART. Elementos para uma cartografia da grupalidade, p. 9.

Mesmo apostando na fabulação do homem comum, na força da palavra e no não-direcionamento autoritário do documentarista, as formas clichêizadas continuaram presentes, como resposta da inserção dos próprios sujeitos na telerrealidade, como analisa o próprio Coutinho após a produção de *Edifício Máster* (2002). Tentando fugir das formas gastas pelo documentário, Coutinho permitiu que cada participante narrasse uma história qualquer, intervindo o mínimo possível em seus relatos.

No entanto, ao verificar as histórias de vida dos 37 participantes, escolhidos entre os moradores dos 276 apartamentos conjugados do edifício de Copacabana, que deu nome ao filme, o cineasta percebeu que, ao colocar-se diante da câmera, os participantes, mesmo sem notar, repetiam a lógica televisiva do excesso, do trágico e do espetacular, optando por narrar o melhor ou o pior momento de suas vidas. Houve inclusive quem cantasse diante da câmera, dispositivo que será depois o elemento base para a construção do documentário *As canções* (2011), objeto central de reflexão deste artigo.

Em *Elementos para uma cartografia da grupalidade*, Pelbart mostra que a sociedade não substitui a noção de comunidade, já que essa, enquanto unidade, não passa de uma noção ilusória. O que o autor propõe é o conceito da comunidade ausente, ou comunidade dos que não têm comunidade.

Pois a comunidade, na contramão do sonho fusional, é feita de interrupção, fragmentação, suspense, é feita dos seres singulares e seus encontros. Daí porque a própria ideia de laço social que se insinua na reflexão sobre a comunidade é artificiosa, pois elide precisamente esse entre.¹⁰

No filme de Coutinho, as próprias narrativas de desilusões amorosas parecem reafirmar essa ilusão de unidade perdida. Os sujeitos enamorados parecem lastimar a impossibilidade de união com o outro. E, em nenhum momento, a edição busca fusionar tais depoimentos em uma massa compacta, capaz de criar blocos ou unidades. Há sim um respeito pela singularidade e, se os encontros ocorrem – e eles ocorrem – quando, por exemplo, dois personagens elegem a mesma canção para descrever suas histórias – Coutinho trata-os como tais: apenas encontros. Não se trata de igualar as vivências ou criar interpretações para os testemunhos expostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o filme *As canções* exhibe-se como um microcosmo da comunidade. Testemunhos coletados aleatoriamente na cidade do Rio de Janeiro expõem-se, dessa forma, como a comunidade ausente. Diante das singularidades dos testemunhos expostos, os espectadores podem, no entanto, também viver encontros com as narrativas que se expõem na tela e, por vezes, relembram canções exibidas que tocam as singularidades que estão do outro lado da tela. Talvez por atuarem as canções como

10. PELBART, Peter Pál. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*, p. 6.

“cápsulas de memória”, como nos mostra Schaeffer, as histórias de *As canções* ativam também a memória dos espectadores que, por vezes, cantam junto com o filme, enquanto reelaboram também seus arquivos de histórias pessoais.

Como já é sabido, o tempo no cinema possui suas complexidades. Trata-se sempre da conjugação de três temporalidades: o tempo presente (o presente da projeção fílmica), o tempo filmado (tempo vivido pelos entrevistados enquanto narravam para a câmera), que compõe o material bruto de filmagem, e o tempo diegético, que, no caso de *As canções*, corresponde ao tempo rememorado individualmente pelos narradores. Alguns referem-se a sensações vividas há mais de 30 anos e emocionam-se ao tocar essa camada temporal (como o sujeito que chora compulsivamente, ao lembrar da mãe cortando os moldes de costura dos vestidos de noiva) ou o depoimento que fecha o documentário com a mulher que diz “já conheço os passos dessa estrada e sei que não vai dar em nada”, enquanto narra o esfacelamento de um amor presente em sua vida durante mais de 30 anos.

Ao perguntar a essa entrevistada se o fato de falar ajuda a cicatrizar a dor, Silvia Helena responde a Coutinho que o filme veio para colocar um “fecho de ouro” na estória, sobre a qual já falou por anos em análise. O documentário de Coutinho reafirma-se aí como o espaço do divã onde os entrevistados podem falar por muito tempo sem ser interrompidos, grande raridade nos dias atuais, como já pontuou Comolli em suas reflexões sobre o tempo da entrevista no documentário. Ao poder falar por mais de cinco minutos, sem ser interrompidos, os narradores de *As canções* acabam descobrindo lembranças e emoções que nem eles conheciam.

“Vou colecionar mais um soneto, outro retrato em branco e preto”, é como termina o relato da personagem Silvia, cantarolando a música “Retrato em branco e preto”, composta por Chico Buarque e Tom Jobim. O filme, de fato, exhibe-se como um álbum de coleções, capaz de afetar os espectadores que, como os entrevistados, também integram a “comunidade ausente”, a qual se refere Peter Pál Pelbart. O autor também a ela se refere como “comunidade dos celibatários”. Como narra Pelbart,

[...] Deleuze pergunta, então: o que resta às almas quando não se aferram mais às particularidades, o que as impede então de fundir-se num todo? Resta-lhes precisamente sua “originalidade”, quer dizer um som que cada um emite quando põe o pé na estrada, quando leva a vida sem buscar a salvação, quando empreende sua viagem encarnada sem objetivo particular, e então encontra o outro viajante, a quem reconhece pelo som. [...] contra a moral europeia da salvação e da caridade, uma moral da vida em que a alma só se realiza pondo o pé na estrada, exposta a todos os contatos, sem jamais tentar salvar outras almas, desviando-se daquelas que emitem um som demasiado autoritário ou gemente demais, formando com seus iguais acordos e acordes, mesmo fugidios. A comunidade dos celibatários é a do homem qualquer e de suas singularidades que se cruzam: nem individualismo, sem comunialismo.¹¹

Fazendo uso das estratégias aqui expostas, o documentário *As canções* reafirma sua potência de amplificar as emoções das narrativas que se expõem durante a elaboração do filme. Ao revelar os entrevistados na tela e suas narrativas, Coutinho ressalta a

11. PELBART. Elementos para uma cartografia da grupalidade, p. 10.

“comunidade dos celibatários” e o encontro dessas singularidades que só se cruzam porque se reconhecem pelo som, como exposto por Pelbart, e porque o processo de edição fílmica permitiu a existência desse encontro.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Felipe. *Eduardo Coutinho*. Coleção Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

COELHO, Alexandra Lucas. *O resto é silêncio*.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira, Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. *A Arte Depois das Vanguardas*. SP: UNICAMP, 2002.

GUIMARÃES, César. “O rosto do outro: ficções e fabulação no cinema segundo Deleuze”. In LINS. D. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Trad. Fábio Akcelrud Durão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MACIEL, Maria Esther. *Memória das coisas: ensaios sobre literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

MACIEL, Maria Esther. *Vidas entrevistadas – sobre o filme Edifício Master, de Eduardo Coutinho*. Revista Et Cetera (Curitiba), v. 9, p. 210-217, dez. 2006.

MAGER, Juliana Muylaert. *História, memória e testemunho: o método do documentarista Eduardo Coutinho em Jogo de Cena (2007)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

PELBART, Peter Pál. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. O Indivíduo, o Comum, a Comunidade, a Multidão (2010: São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento544502/elementos-para-uma-cartografia-da-grupalidade-o-individuo-o-comum-a-comunidade-a-multidao-2010-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 29 de Abr. 2020.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et.al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHAEFER, Pierre. *Traité des objets musicaux: essai interdisciplines*. Paris, 1966.

SEVCENKO, Nicolau. Revista Atrator Estranho.

XAVIER, Ismail. *Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna*. In Catálogo ForumDocBH 2003, p 58-65.

Referências filmográficas

As Canções (BRA, 2011). Direção: Eduardo Coutinho, dvd, cor, 90 min.

Edifício Máster (BRA,2002) Direção: Eduardo Coutinho, dvd, cor, 110 min.

EDUARDO Coutinho. Entrevista a Carlos Nader. Espaço Filmes, 7 out. 2014, 112 min.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0